



MÚSICA E PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ESTUDANTES DE ESCOLAS DE DOURADOS (MS)

Karen Miyasato Ribeiro ¹

RESUMO

Este trabalho apresenta parte dos resultados parciais da pesquisa de nossa dissertação de mestrado que está em andamento. A pesquisa parte da compreensão sobre a importância de propor novos (ou outros) olhares sobre questões relacionadas ao espaço por meio das diferentes linguagens, entre elas a música, a qual é nosso objeto principal de estudo. Assim, o objetivo central da pesquisa é analisar de que maneira as preferências musicais dos estudantes de escolas de Dourados (MS) se relacionam com suas vivências, práticas e imaginações espaciais. Para atingir os objetivos propostos, além de iniciarmos a revisão bibliográfica sobre o tema, foi aplicado um questionário junto a alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Dourados (MS) localizada em um bairro com população de média/baixa renda e em uma instituição privada localizada em área considerada nobre da cidade. Até o momento, pudemos identificar os os motivos pelos quais os alunos gostam de música, suas principais preferências em termos de gêneros musicais, de músicas e artistas em específico. Notou-se o predomínio do pelo eletrônico, seguido pelo Sertanejo e Rap, entre os gêneros que os alunos mais gostam. Tais preferências nos trazem indícios de que há uma identificação, por parte dos alunos, entre aspectos das músicas (letras, técnicas e formas de produção) com a realidade em que vivenciam diariamente, destacando-se, ainda, o forte papel que a indústria musical exerce sobre o meio musical.

Palavras-chave: Música, espaço, imaginações espaciais.

ABSTRACT

This work presents the partial results of our master's thesis research that is in progress. The research starts from the understanding of the importance in proposing new (or other) perspectives on issues related to space through different languages, including music, which is our main object of study. Thus, the main objective of the research is to analyze how the musical preferences of students from schools in Dourados (Mato Grosso do Sul) relate to their experiences, practices and spatial imaginations. To achieve the proposed objectives, in addition to starting the literature review on the topic, a questionnaire was applied to 8th grade students of a public school in Dourados (Mato Grosso do Sul) located in a neighborhood of middle/low income population and in a private institution located in a noble area of the city. Until now, we were able to identify the reasons why students like music, their main preferences of music genres, songs and specific artists. There was a predominance of electronic, followed by Sertanejo and Rap, among the genres that students like the most. Such preferences bring us evidence that there is an identification, of the students, between aspects of the songs (lyrics, techniques and forms of production) and the reality in which they experience daily, highlighting the strong role played by the music industry on the musical scene.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, karenmiyasato1@gmail.com;



Keywords: Music, Space, Spatial imaginations.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte da pesquisa de nossa dissertação de mestrado que está em andamento², desta forma, apresentaremos aqui apenas resultados parciais gerados a partir dos procedimentos desenvolvidos até o momento.

A pesquisa parte da compreensão sobre a importância de propor novos (ou outros) olhares sobre questões relacionadas ao espaço por meio das diferentes linguagens, entre elas a música, a qual é nosso objeto principal de estudo.

Considerando a música como uma manifestação cultural artística popular e presente no contexto atual, despertou-se o interesse em compreender, a partir de determinados gêneros, como a música se relaciona com o cotidiano dos estudantes da educação básica, identificando os fatores pelos quais eles escutam determinadas músicas de diversos gêneros e a relação com a realidade que vivenciam. O potencial desta análise se baseia nas possibilidades que a música possui em contribuir para a compreensão da sociedade e também da sua relação com o espaço geográfico.

Assim, o objetivo central da pesquisa é analisar de que maneira as preferências musicais dos estudantes de escolas de Dourados (MS) se relacionam com suas vivências, práticas e imaginações espaciais.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos na pesquisa, além de iniciarmos a revisão bibliográfica sobre o tema, foi aplicado um questionário com estudantes do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Dourados (MS) localizada em um bairro com população de média/baixa renda e em uma instituição privada localizada numa área considerada “nobre” da cidade. Em virtude do período pandêmico da COVID-19 no ano de 2020, o questionário foi aplicado de forma *online* e contamos com a medição de professores para o encaminhamento do questionário aos estudantes.

O questionário continha cinco questões relacionadas à música, além de duas referentes à idade, gênero e instituição do estudante. As perguntas eram: 1) Você gosta de música? Por quê? 2) Quais gêneros musicais você mais escuta? 3) Qual instituição

² A pesquisa em questão é orientada pela Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes.



1) Qual é o assunto da música que você estuda? 2) Quais músicas você mais escuta? Cite três exemplos. 3) Quais artistas você mais escuta? 4) Quais músicas você mais escuta? Cite três exemplos. 5) Quais artistas você mais escuta?

Ao total, foram respondidos 72 questionários, sendo exatamente 36 de escola pública e 36 de escola privada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos sobre as relações entre Geografia e Música ainda vem se desenvolvendo aos poucos e esta ainda é uma temática recente na Geografia. No Brasil em específico, o debate tem sido intensificado recentemente entre os pesquisadores e geógrafos, sendo que a discussão perpassa algumas temáticas como a identificação territorial, as territorialidades, as imaginações espaciais, a representatividade do lugar, o debate entorno da cultura e também do ensino.

Segundo Panitz (2010), as primeiras considerações sobre essa temática se destacam a partir de Ratzel e Frobenius. Ratzel observou similaridades entre os arcos da África Ocidental e da Melanésia, Leo Frobeniu deu continuidade às pesquisas apresentando as similaridades entre os tambores e outros instrumentos musicais e desenvolveu a noção de Círculos culturais. Frederich Ratzel e Leo Frobenius foram os pioneiros dessa discussão teórica e empírica sobre Geografia e Música.

A Geografia é uma ciência que tem como objeto de estudo o espaço e pensando a música, que se apresenta como uma linguagem que tem uma participação intensa na vida humana que tem a potencialidade de trazer sentimentos dos lugares, sobre os lugares, constrói ou permite as imaginações espaciais, sedimenta identidades e se relaciona com o território. Então, se torna importante desenvolver essa discussão sobre o espaço e a música, ou melhor, entre a Geografia e a música.

Ainda, segundo Callai (2005, p. 238), desenvolver um olhar espacial, portanto, é construir um método que possa dar conta de fazer a leitura da vida que estamos vivendo, a partir do que pode ser percebido no espaço construído. Destacamos, portanto que a música desenvolve esse papel, ou seja, as músicas estão associadas e especializadas em momentos específicos, como afirma Borges *apud* Dozena, 2019, p. 2: “A música pode ser percebida como uma linguagem viva de um contexto histórico-geográfico, assim



como nas articulações escalares particulares de cada lugar há implícita certa musicalidade.”.

Pautamo-nos na perspectiva de Massey (2008), a qual destaca que o espaço não é estático e neutro, mas sim está ligado diretamente com tempo e suas mudanças, sendo uma produção aberta e múltipla, na medida em que “o espaço jamais poderá ser essa simultaneidade completa, na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas e no qual todos os lugares já estão ligados a todos os outros” (p.32). Neste sentido, identificar a possibilidade de se pensar o espaço nos remete a um empenho para se compreender a multiplicidade, onde as relações afetarão a coexistência do social, do humano e do não humano. É importante analisar como esses espaços estão profundamente interligados com as relações sociais e as trajetórias múltiplas vivenciadas.

Dessa forma, podemos considerar a música um movimento artístico que participa das relações sociais, que se expande pelo espaço, pelo território há muito tempo. A mesma é presente em todos os cantos em que podemos visitar, nas lojas de departamentos, nas ruas, em supermercados, em carros de anúncio, é fato que a música é acessível desde então, embora a produção e instrumentalização ainda sejam elitizadas. Mas antes se torna importante entender um pouco mais sobre essa arte, se perguntando primeiramente, O que é música? Quais as potencialidades e o que ela nos provoca? A primeira questão, segundo Dozena (2019) é que:

[...] música é a combinação harmoniosa e expressiva de sons, um conjunto de sons vocais, instrumentais ou mecânicos com ritmo, harmonia e melodia. A música é uma manifestação artística que se revela por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização, os modos de vida e o ambiente natural. (DOZENA, 2019, p. 33)

Conforme destaca o autor, a música é uma combinação de sons, vozes, instrumentos e entre outras características, mas quando discutimos essa temática, acreditamos que a música vai além de pensar em técnicas e é claro, isso permite focar na sua atuação no espaço geográfico. Considerando o pensamento de Massey (2008) sobre o espaço, múltiplo, dinâmico, de encontros até agora, colocamo-nos a pensar na potencialidade da música quando se atua no espaço e aí podemos apontar o que Panitz (2010) vai chamar de “*fenômeno musical*”. Segundo o autor: “por *fenômeno musical*



entende-se um conjunto e uma interação de relações criativas, interpessoais, sociais, culturais, econômicas, espaciais e histórias que se expressam no fazer musical.” Assim, a pesquisa proposta aqui, tem como um foco pensar as contribuições e compreender a sociedade e também sua relação com o espaço por meio da música.

Assim, entendemos que a música exerce uma grande influência sobre os sujeitos estando presente em sua vida cotidiana. No que se refere às relações entre Geografia e música, há debates e discussões que problematizam diversos aspectos, tais como a forma como a música possibilita compreender as espacialidades, a (des)construção de identidades, a cultura, os sentidos que a mesma provoca, ou seja, a musicalidade possibilita construir diálogos e práticas que apresentam as vivências e experiências espaciais.

A música tem potência de se espacializar e afetar os sujeitos, ou seja, se apresenta no espaço de diferentes formas e, conseqüentemente, afeta os sujeitos. Quando falamos que a música se espacializa, referimo-nos a como a mesma se manifesta no espaço, considerando os estúdios musicais, manifestações artísticas de forma aberta à população como nas ruas, praças e até mesmo em âmbitos privados. O que Massey aponta sobre o espaço e como o indivíduo constrói “trajetórias até aqui” (2008), permite-nos discutir como a presença do corpo em si, se manifesta no espaço, espaço-lugar. Conforme apontam Brito (2017, p. 19) o corpo é um acumulador de experiências, de trocas, que são vividas a partir da relação com os lugares e com quem vive nesses lugares.

É no corpo que sua relação com os lugares vai sendo construída ao mesmo tempo em que sua visão de mundo vai se estabelecendo mesmo que, às vezes, de forma violenta através das experiências que ficam marcadas no corpo. Assim chegamos a um *corpo-lugar* que se desloca e se relaciona ao mesmo tempo em que se constrói, a partir das experiências vividas. No corpo, apesar das mudanças espaciais, os lugares se tornam vivos através da memória, dos rastros e marcas deixados nele. (BRITO, 2017, p. 19).

Os autores afirmam que é vivendo o lugar que as referências e experiências são estabelecidas. Entretanto, pensando a partir da perspectiva do espaço, é vivenciando-o que as experiências são determinadas. Ainda de acordo com os autores, a partir do momento em que o corpo se coloca para que essa troca aconteça, esse corpo absorve informações, sensações e referências importantes a serem acionadas. Assim, discutir



essa relação entre corpo e espaço, requer que pensemos nas subjetividades, pois para além de uma forma física, o corpo também é composto pela mente. Segundo Nunes (2014, p. 5) “a corporeidade abre um espaço de significação do mundo em um movimento no qual o sujeito e o mundo se interpretam.”.

Segundo Dozena (2019, p. 34) ao discutir a relação do corpo e a música, há uma relação entre o corpo e o contexto espacial em que este se insere, e cada sociedade se expressa distintamente segundo os corpos e suas construções culturais diferenciadas. Essa relação parte da compreensão da performatividade que surge do próprio corpo, os gestos, movimentos, relação essa que se apresenta e é influenciada pelas fontes sonoras produzidas em um lugar,

Dessa forma, nessa discussão podemos citar a música como esse fluxo, ou seja, que participa dessa percepção do espaço. Assim, discutir essa relação requer que pensemos nas subjetividades, pois para além de uma forma física o corpo também é composto pela mente. Entende-se que o corpo torna-se importante para o espaço que, conseqüentemente, é transformado e transforma o seu meio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora a presente pesquisa esteja em andamento, é possível realizarmos uma análise prévia dos dados obtidos na aplicação do questionário. Destacamos, a seguir, algumas respostas que nos chamaram a atenção. A primeira pergunta do questionário era: “Por que você gosta de escutar música?” Algumas respostas foram:

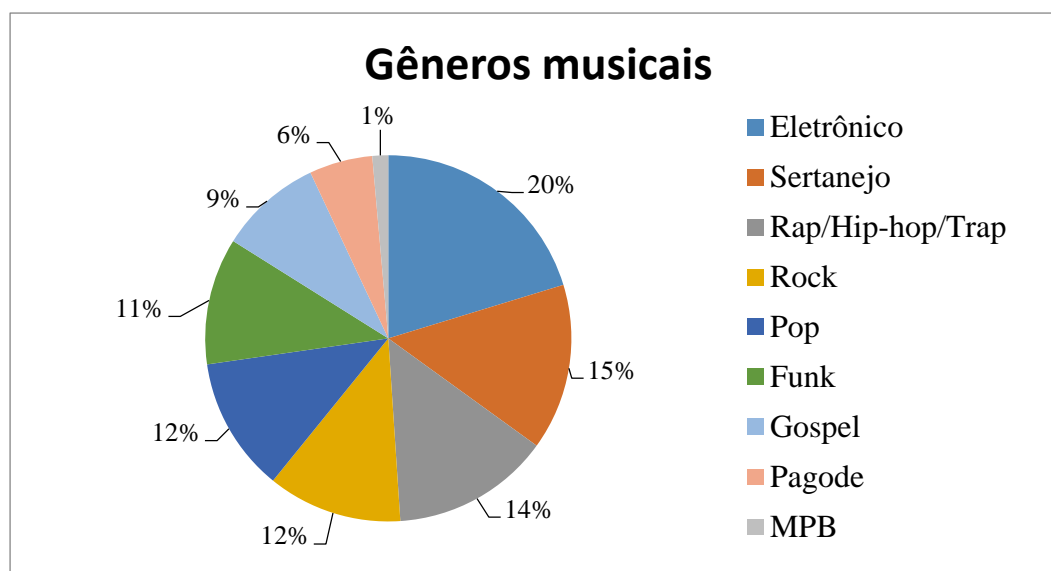
Aluno 1: “Sim, porque a música com que escuto fazem parte da minha vida.”
Aluno 2: “Sim. Pois é algo único da natureza humana e tem influência sobre tudo da sua vida.”
Aluno 3: “Sim, porque eu gosto de dançar, às vezes cantar, treinar meu inglês e outros motivos”.
Aluno 4: “Sim, porque a música consegue se encaixar em todas as emoções, sentimentos e momentos da nossa vida.”
Aluno 5: “sim,por que as musicas com que me identifico fazem parte da minha realidade.”



Nota-se no conjunto de respostas dos estudantes algumas palavras que se repetem constantemente tais como sentimentos, emoções, sensações, acalma, relaxa, alegria, entre outras. Essa recorrência de palavras conduz ao entendimento sobre a música que independe de ser estudante de uma instituição pública ou privada. Para o conjunto dos estudantes pesquisados, a música desperta um sentido de provocar emoções, sensações, relaxar ou animar e nessa perspectiva há encontros entre as duas instituições, independente das espacialidades e das vivências dos estudantes. Assim, pode-se dizer a música é parte de nossa própria existência, pois ela é capaz de nos atravessar cotidianamente.

A música tem essa potência de despertar sentimentos, afetos, memórias e conforme Deleuze e Guattari (1997) apontam, o território tem a própria música como imagem, trata-se de um corte na terra, ou seja, de tirar da terra a força de expressão, daquilo que não podemos escutar, inaudível e também inominável. Dentro dessa perspectiva, os autores consideram a canção como expressão de um ritornelo, que servindo para nos proteger, para criar um lugar subjetivo, um território seguro.

No gráfico a seguir, apresentamos os gêneros musicais predominantes na preferência dos alunos pesquisados:



Org: Miyasato, Karen.
Questionário aplicado (2020).

Considerando o conjunto das respostas dos alunos pesquisados quanto aos gêneros mais citados, percebemos, a partir das respostas, que o Eletrônico foi o mais



citado pelos estudantes. É válido destacarmos brevemente a historicidade que esse gênero carrega para compreendermos por quais motivos ele está entre os mais citados. A música Eletrônica surge em meados de 1970 como um *mix* de sons que resulta do desenvolvimento da técnica e a rapidez da informação, e são elaborados por aparelhos eletrônicos e programas de software. Esse gênero, pensando em relação aos ouvintes, é direcionado a pessoas com poder aquisitivo alto, pois desde o acesso ao local de realização dos eventos onde são executadas as músicas até a compra dos ingressos requer valores altos e dessa forma, é visível o movimento de segregação. Segundo Costa e Silva (2013), é possível delinear essa segregação através da variável econômica:

(...) são vislumbradas as práticas desse tipo de espetáculo em um espaço que privilegia a ausência dos indivíduos de classes sociais inferiores em decorrência, por exemplo, dos altos valores impostos aos ingressos e aos produtos ali comercializados.” (2013, p.54).

Corroborando com esta afirmação de Costa e Silva (2013) o fato de que dos 29 alunos que citaram o eletrônico, 17 são da escola privada. Nota-se que a lógica espacial, ou seja, as vivências socioespaciais desses estudantes que preferem o Eletrônico são outras, talvez por apresentarem um poder aquisitivo mais elevado, vivência em espaços privilegiados, acesso a bens de consumo. Ao pensar sobre essa perspectiva, o espaço exerce influência sobre o sujeito e, conseqüentemente, isso reflete sobre suas preferências musicais.

Na sequência entre os gêneros preferidos, tem-se o Sertanejo. Esse gênero tem uma origem no campo, quando os agricultores de pequenas fazendas e plantações reuniam-se para tocar e as letras originalmente se direcionavam à própria vida no campo. Porém, ocorreram mudanças desde o processo de urbanização a partir da década de 1960 e isso impactou nas criações musicais. Esse impacto reverbera nas composições, as letras passaram a apresentar outra perspectiva, agora voltada para aspectos urbanos, vida amorosa, festas. Como afirmam Faria e Silva (2020, p. 7).

O cotidiano da “roça” e os “causos” são substituídos por canções de amor, decepções amorosas e cotidianas da vida na cidade. Ainda nesse sentido, aqueles que escutam convivem com situações diferentes e se distanciaram intensamente da realidade do campo; o “lugar de escuta” se alterou para muitos e a música comum à mensagem menos ligada ao cotidiano rural e mais com canções românticas, sobre festas e outros programas relacionados à vida urbana.

O protagonista nesse processo de transformação, sem dúvida, é a indústria cultural. A indústria cultural tem como objetivo a produção em massa buscando



estabelecer algumas regras e padrões com o intuito de produzir e reproduzir. Como afirmam Antunes e Maia (2008, p. 3) “pode-se compreender a indústria cultural a partir da incorporação dos bens culturais à lógica da mercadoria e das consequências mais amplas dessa incorporação, tanto para a cultura quanto para a consciência dos indivíduos”. Isso faz com que as músicas se apresentem de formas padronizadas e em se tratando de padronizadas, a própria preferência do ouvinte se distorce. Ainda segundo Antunes e Maia (2008, p. 4):

Ao ser exposto exaustivamente a este produto da indústria cultural o indivíduo não desenvolve a faculdade de ouvir de maneira estrutural, na medida em que dele é requerido apenas o reconhecimento de uma música que há muito é conhecida, e desta forma, ele não aprende a analisar o material, a estar atento a ele, já que isso não seria necessário.

Portanto, é possível identificar que o Sertanejo se destaca como preferência pela intensa participação da indústria cultural, que tem como citado acima, o objetivo de padronizar, produzir e reproduzir músicas (não somente a música, mas também se outras manifestações artísticas) em massa. Isso faz com que participe ativamente das preferências dos estudantes pesquisados, já que as duas instituições citam o sertanejo de forma significativa, pois o sentido mercadológico é apenas lucrar. Outro fato que pode contribuir para esse gênero se destacar na preferência dos estudantes é o contexto local da cidade de Dourados (MS), marcado pela forte atuação do agronegócio.

Em terceiro, o RAP e suas derivações do Hip-Hop e Trap se destacaram na preferência dos estudantes. Historicamente, esse gênero se apresenta em um primeiro momento como resistência do movimento negro nos Estados Unidos nos anos de 1970 por imigrantes jamaicanos. No Brasil, o movimento negro também é precursor desse gênero que, com suas letras, tem como um dos objetivos abordar temas como a pobreza, violência e a representatividade racial.

O rap é uma expressão cultural que tem na rua o seu espaço privilegiado; é crônica do cotidiano da periferia; aponta para novas formas de socialização, nas quais a cultura local passa a ser referência central e instigar o protagonismo juvenil na construção da identidade; cria novas formas de mobilizar recursos culturais para enfrentar a lógica do mercado; é laboratório de experimentação (musical) para além da mesmice dos produtos culturais produzidos pela indústria cultural; reinventa a realidade quando posiciona os jovens da periferia como produtores culturais e não mais como fruidores passivos das mensagens da indústria cultural. (ELIAS; MENDOZA; SANTOS; 2003, p.4).



Apesar de ainda ser identificado de forma marginalizada, esse gênero tem ocupado cada vez mais espaços e se tornando símbolo de representatividade e também construindo identidades. Esse destaque vem do surgimento de grupos referenciais no Brasil como Racionais Mc's, Djonga, Emicida, Criolo entre outros.

Além de se destacar entre os três gêneros mais citados pelo conjunto dos estudantes, o Rap/Hip-Hop/Trap é o gênero mais citada na preferência dos estudantes da escola pública, o que pode nos sinalizar que os alunos se identificam com essas músicas, pois vivenciam questões, sentimentos, situações e espacialidades a elas relacionadas. O RAP se afirma como símbolo de resistência entre os adolescentes e os jovens, o que permite perceber que a música quando atua nos corpos, cria sentidos espaciais, territorialidades e lugares.

É importante destacar que durante a tabulação de dados, identificamos um número elevado de músicas diferentes que não se repetem. Os três artistas estão entre os mais citados, tendo os três, o mesmo número de citações. Quando nos referimos ao gênero mais citado, o Eletrônico percebe-se que entre as músicas/letras, o Eletrônico não se destaca, dessa maneira, não necessariamente ele aparecerá entre os artistas e entre as letras mais citadas. Dentre os artistas mais citados destacaram-se Marília Mendonça, Billie Eilish e Racionais Mc's.

Marília Mendonça, cantora e compositora desde os doze anos, se tornou sucesso por representar o Sertanejo, configurando entre as dez artistas mulheres mais ouvidas das plataformas de streamings³. Suas composições musicais são baseadas em histórias reais de amor, traição, paixão e festas. Um dos motivos para ter se destacado na preferência dos estudantes pesquisados, pode estar relacionado ao gênero, pois conforme discutido anteriormente, o sertanejo está entre os três gêneros mais ouvidos pelos estudantes.

Outra possível explicação para a cantora ter se destacado entre as preferências dos estudantes é o fato de que o questionário foi respondido por um número maior de estudantes do sexo feminino, trazendo uma certa representatividade feminina nas músicas. Considerando que o meio artístico do Sertanejo por anos foi considerado um campo dominado por homens, atualmente esse espaço vem sendo conquistado por mulheres e canções da artista em questão se destacam em diferentes posições, ora

³ Segundo informações obtidas em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2020/12/marilia-mendonca-e-a-artista-mais-ouvida-de-2020-no-spotify-no-deezer-e-no-youtube.shtml>.



focada na figura feminina empoderada e resolvida como também expondo suas fragilidades.

É importante destacar que essa artista comparece na preferência dos estudantes de ambas as instituições de ensino, ou seja, independente do contexto socioespacial, suas músicas são ouvidas e há algum tipo de identificação com elas por parte dos estudantes.

Em segundo lugar na preferência dos estudantes está Billie Eilish, nascida em Los Angeles, com apenas 20 anos se tornou um fenômeno da nova geração. Cantora e compositora, tem como estilos diferentes, baseados no pop, indie pop, rock, eltro-pop, ou seja, a artista acaba se denominando como alterantiva/independente, propondo assim a sua forma de produzir. Suas letras se destacam por um tom “sombrio”, expressando seus sentimentos, dramas, perturbações e anseios; é possível notar essa expressividade emocional por trás das melodias, das letras e até mesmo do potencial imagético dos seus conteúdos havendo uma participação do visual nessa percepção do som e da música.

Um ponto interessante está no fato de que a maioria dos estudantes que citaram essa artista, é do sexo feminino. Pode-se inferir que assim como no caso de Marília Mendonça, haveria uma identificação pela representatividade da mulher no campo artístico para além apenas de composições. Também se notou que essa artista foi citada por estudantes da escola pública e da escola privada.

Em terceiro, na preferência dos estudantes, tem-se o grupo de RAP Racionais Mc's que destaca a luta contra o preconceito, a pobreza, discriminação é e contra um sistema que é ausente para suprir necessidades básicas. Os jovens de periferia precisam lidar diariamente com uma realidade que não lhe apresenta perspectiva e o RAP surge como um fôlego, permitindo com que jovens tenham outras perspectivas. Considerando o conjunto de respostas dos estudantes, o RAP se destaca somente na escola pública, inclusive não somente o grupo Racionais Mc's, mas também Sabotage é o segundo artista em destaque. Nota-se que o RAP ganha força na escola pública, provavelmente os estudantes se sentem representados através das letras, havendo uma possível identificação com seu contexto socioespacial.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados preliminares obtidos, é possível considerar que a música estabelece uma relação intrínseca com os indivíduos e com o lugar e como se espacializa. Os estudantes acreditam que a música tem essa potencialidade de influenciar sobre questões do cotidiano, de afetar e despertar sensações, sentimentos e a possibilidade de identificação.

Considerando os gêneros e os artistas mais citados pelos estudantes nesta pesquisa, é importante apontar que há diferenças e notar que o Eletrônico se destaca na escola privada e que o RAP predomina na escola pública, assim como o Sertanejo se destaca em ambas as instituições. A partir desses resultados, torna-se importante discutir onde se encontra a diferença em termos das relações espaciais.

O Eletrônico e o RAP se apresentam como gêneros distintos desde as características técnicas, ou seja, a produção da música e ao contexto em que ela surge. O Eletrônico, destacando-se na preferência dos estudantes da instituição privada nos coloca a considerar que esse gênero não está tão presente para os alunos da escola pública provavelmente devido às características dos lugares onde é executado (festas, entre outros ambientes).

Na instituição pública ganha destaque o RAP, sendo esse o ponto de maior diferença no que se refere às preferências de gênero entre os estudantes das duas escolas pesquisadas.

O Sertanejo e seu destaque em ambas as instituições indica a participação da indústria musical interferindo nas músicas, artistas e gêneros e criando padrões, estabelecendo uma estrutura de repetição com o objetivo de fixar, fazendo com que o ouvinte tenha o fácil reconhecimento. Além disso, as características locais ligadas ao agronegócio influenciam essa intensificação do *fenômeno musical*⁴, havendo uma identificação musical territorial.

Portanto, considerando a Geografia e seu objeto de estudo, o espaço, e a música como uma manifestação artística que se espacializa, é possível afirmar e notar as suas potencialidades em contribuir para a compreensão da sociedade e sua interação com o

⁴ Conceito proposto por Panitz, L. (2010, p. 76, 77) “conjunto e uma interação de relações criativas, interpessoais, sociais, culturais, econômicas, espaciais e histórias que se expressam no fazer musical”.



geográfico. Dessa forma, corrobora afirmar que há possíveis processos de identificação por parte dos estudantes com os gêneros e artistas destacados.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, D. C; MAIA, A. F.; **Música, indústria cultural e limitação da consciência.** Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. VIII – Nº 4 – p. 1143-1176 – dez/2008.

BRITO, M. S. **O lugar que há em nós ou o corpo-lugar que somos nós.** ILINX REVISTA CIENTÍFICA DO LUME, v.12, p.12-22, 2017.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

COSTA, J. C.; SILVA, M. A. **Segregação espacial e música eletrônica: a cena cultural soteropolitana.** Para Onde!?, Volume 6, Número 2, p. 5261, jul./dez. 2012. Instituto de Geociências, Programa de PósGraduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia,** vol 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34 Ltda, 1997. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-gilles-guattari-felix-mil-platos-vol-03.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021

DOZENA, Alessandro (Org.). **Geografia e Arte.** Natal: Caule de Papiro, 2020.

DOZENA, Alessandro (Org.). **Geografia e Música: diálogos.** Natal: EDUFRN, 2016.

ELIAS, J. *et al.* **O rap reinterpretando na rima o dia a dia da comunidade.** XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

FARIA, L. C. F.; SILVA, J. P, T. **A música sertaneja como reflexo de transformações dos lugares de escuta.** Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. 2020.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço** - uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NUNES, Camila Xavier. **Geografias do corpo: Por uma Geografia da diferença.** 2014. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94741/000916424.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 set. 2021.



PANITZ, L. **Por uma Geografia da Música: O espaço geográfico da Música Platina.** 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/48531>. Acesso em: 5 set. 2021.

PINHEIRO, Fernando *et al.* **A arte na geografia cultural: explorando o universo emocional por meio de imagens.** Revista Gestão Universitária. 2019. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-arte-na-geografia-cultural-explorando-o-universo-emocional-por-meio-de-imagens>. Acesso em: 10 set. 2021.

ROCHA, W. F. P.; SIQUEIRA, e. A. M. ; FORNO, I. F. D. ; DIAS, j. F. A. **Rap e imposição social: caminhos de identificação e expressão do conhecimento por meio da mediação artística.** In: xiii congresso nacional de educação, 2017, Curitiba. Anais do XIII educere. Curitiba: puc-pr, 2017. V. 1. P. 18105-18122.

WISNIK, J. M. **O som e o sentido: Uma outra história das músicas.** São Paulo: Schwarcz LTDA, 1989.